

Ruth Monserrat

Marília Facó Soares

HIERARQUIA REFERENCIAL EM LÍNGUAS TUPI

RESUMO

Algumas línguas da família Tupi-Guarani apresentam uma Hierarquia Referencial que ocorre no nível morfo-sintático, na forma de prefixos verbais que especificam o sujeito ou objeto. É esta Hierarquia Referencial que determina a ocorrência de prefixos verbais de pessoa, nestas línguas.

Estudos recentes em universais lingüísticos (Hawkinson & Hyman (1974); Foley (1976); Silverstein (1977)) propõem a existência de uma hierarquia natural de tópico. Baseados nestes estudos tentamos encontrar evidências para o mecanismo da referida hierarquia em outras línguas da família Tupi-Guarani e em certas línguas que pertencem a outras famílias do ramo Tupi. Na conclusão do trabalho, formula-se a hipótese da existência de uma Hierarquia Referencial em estágios mais antigos das línguas discutidas — isto é, em Proto-Tupi —, o que fornece uma explicação para as mudanças que estão ocorrendo em seu estágio atual.

ABSTRACT

Certain languages of the Tupi-Guarani family present a Referential Hierarchy which occurs at the morphosyntactic level in the form of verbal prefixes that specify the subject or object. It is this Referential Hierarchy that determines the occurrence of personal verbal prefixes in those languages.

Recent studies on linguistic universals (Hawkinson & Hyman (1974); Foley (1976); Silverstein (1977)), propose the existence of a natural topic hierarchy and provide evidence for the mechanism of the referred hierarchy in other languages of the Tupi-Guarani family and in certain languages which belong to other families of the Tupi stock. In the conclusion of the paper the hypothesis of the existence of a Referential Hierarchy in previous stages of the languages discussed — i.e., in Proto-Tupi-, is formulated which provides an explanation for the shifts taking place in their present stage.

1. A tese apresentada neste trabalho é a da existência no Proto-Tupi de uma HR (hierarquia referencial) sintático-semântica que condiciona a escolha dos prefixos marcadores de pessoa nas orações transitivas e que se expressa da seguinte maneira: se o agente é hierarquicamente superior ao paciente, ocorre o prefixo subjetivo; se o paciente é hierarquicamente superior ao agente, ocorre o prefixo objetivo.

Não encontramos na literatura lingüística disponível referência à existência de outro grupo de línguas com as mesmas características. Mas lingüistas que trabalham na linha da Gramática Relacional falam de "referencialidade inerente dos SN", e ainda de "uma hierarquia universal de topicalização", chamada de Hierarquia Tópica Natural (Hawkinson e Human 1974), de Hierarquia de Conteúdo Léxico Inerente (Silverstein, 1977) ou ainda Hierarquia Referencial (Foley, 1976), que é a seguinte, em termos universais:

falante > ouvinte > nome próprio (humano) > nome comum (humano)
> animado > inanimado.

Em Foley (1976) se tem essencialmente a afirmação de que a estrutura referencial do nível oracional representa a organização básica da oração em termos da referencialidade inerente dos sintagmas nominais. Tal referencialidade pode se realizar, em uma dada língua, de diferentes maneiras; habitualmente se realiza pela ordem das palavras e, menos comumente, por morfemas de caso.

A forma particular de que se reveste a HR característica das línguas Tupi, manifestada por "morfemas de caso" (ao marcar, o verbo transitivo, a função correspondente ao referente mais alto

da oração na HR), insere esse grupo de línguas entre as menos comuns e seu estudo, por conseguinte, no âmbito dos menos triviais.

2. Baseamos nossa pesquisa nos dados referentes a 17 línguas¹, 15 delas pertencentes à família Tupi-Guarani (Tupinambá, Guarani paraguaio contemporâneo, Kaiwá, Guajajára, Tembê, Asuriní, Tapirapê, Kamayurá, Parintintim, Kayabí, Urubu, Oyampi, Aweti, Satarê, Kokama), uma pertencente à família Munduruku (Munduruku do Cururu) e uma à família Arikém (Karitiana). Três dessas línguas parecem não apresentar evidências atuais da HR postulada: o Urubu e o Kokama, da família Tupi-Guarani, e o Karitiana, da família Arikém. No Karitiana ocorrem unicamente os prefixos objetivos, no Urubu, unicamente os subjetivos, e no Kokama ocorrem simultaneamente prefixos subjetivos e sufixos objetivos.

3. No que diz respeito ao funcionamento da HR na família Tupi-Guarani, constatamos que a maior parte das línguas apresenta uma HR nas formas verbais transitivas, que recebem quase sempre o prefixo referente ao papel desempenhado pelo referente hierarquicamente superior; constatamos ainda que o funcionamento de tal hierarquia é integral ou parcial conforme seja resolvida nessas línguas a relação sujeito 'eu'/objeto 'você'. Em outras palavras, na maior parte das línguas a HR se mantém em todas as relações exceto naquelas em que se tem sujeito 'eu'/objeto 'você(s)' e sujeito 'nós'/objeto 'vocês', constituindo-se em possível situação de quebra da mencionada HR o fato de o verbo apresentar um prefixo cuja forma não corresponde à esperada, ou seja, não aparece o prefixo correspondente ao sujeito de 1ª. pessoa do sin-

gular ou do plural. Assim sendo, torna-se possível agrupar a maioria das línguas da família Tupi-Guarani da seguinte maneira (cf. quadro 1):

- I) o prefixo tomado pelo verbo, em todas as relações transitivas, é o correspondente à função desempenhada pelo referente hierarquicamente superior, o que é dizer, a HR funciona integralmente. Estão neste caso as línguas Kayabi e Aweti;
- II) nas relações sujeito 'eu'/objeto 'você' e sujeito 'eu'/objeto 'vocês', o prefixo tomado pelo verbo é uma aglutinação do prefixo subjetivo de 1a. pessoa e do objetivo de 2a. pessoa. O Sataré representa tal situação;
- III) nas relações sujeito 'eu'/objeto 'você' e sujeito 'eu'/objeto 'vocês', o prefixo tomado pelo verbo coincide formalmente com o de sujeito da primeira pessoa do plural, rompendo-se aparentemente a HR, que, no entanto, mantém-se nas demais relações. Estão nessa situação o Asurini e o Oyampí;
- IV) na relação sujeito 'eu'/objeto 'você', o prefixo que ocorre junto ao verbo possui a forma do subjetivo de primeira pessoa do plural e, na relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês', o prefixo apresentado pela forma verbal é *opo-*, sem relação formal transparente com os demais prefixos da série relativos à primeira e segunda pessoas. Está nesse caso o Kamayurá²;
- V) na relação sujeito 'eu'/objeto 'você', o prefixo tomado pelo verbo coincide com o do subjetivo de primeira pessoa do plural e, na relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês', o prefixo apresentado é *āpa-* ou *apo-*, aparecendo também este último prefixo quando se trata da relação sujeito 'nós'/objeto 'vocês'. Desse caso constituem exemplos as línguas Tapirapê [*āpa-*] e Parintintim e Tupinambá [*opo-*];
- VI) na relação sujeito 'eu'/objeto 'você', aparece junto ao verbo o prefixo com forma de sujeito de primeira pessoa do plural; na relação sujeito 'eu'/objeto 'vo-

cês', ocorre o prefixo apo- ou apu-; e quando se trata da relação sujeito 'nós'/objeto 'vocês', ocorre oropo- ou urupu-. Nessa situação se encontram o Guajajára, o Tembê e o Kaiwã.

4. A par dessa quebra da HR nas relações entre os referentes de primeira e de segunda pessoa, uma das línguas Tupi-Guarani, o Tupinambã, manifesta uma segunda quebra, agora na relação sujeito 'eu' ou 'você'/objeto 'ele', ao expressar o verbo simultaneamente o prefixo subjetivo e objetivo correspondente. A HR mantêm-se, no entanto, quando se trata de terceira pessoa como sujeito, caso em que ocorrem os prefixos objetivos de primeira ou segunda pessoa.

5. Ao lado das línguas que apresentam HR, há, na família Tupi-Guarani, línguas em que tal HR aparentemente é inexistente. Nestas, ora agrega-se ao verbo exclusivamente o prefixo subjetivo, como no Urubu, ora usa-se simultaneamente um prefixo subjetivo e um sufixo objetivo, como no Kokama.

6. Por outro lado, as línguas não-pertencentes à família Tupi-Guarani apresentam comportamento distinto em relação à HR. Em uma delas, o Munduruku, essa HR é vigente quando se trata da primeira ou segunda pessoa em relação à terceira, mas inexistente entre a primeira e segunda pessoas, quando ocorrem exclusivamente os prefixos objetivos. O Karitiana, por sua vez, ao apresentar em todas as relações unicamente os prefixos objetivos, aparentemente não manifesta em absoluto nenhuma HR. Porém, se considerarmos que os prefixos que deveriam ocorrer no caso de terceira pessoa como sujeito e primeira ou segunda pessoa como ob-

jeto, são os objetivos, essa ocorrência no Karitiana poderia ser encarada como vestígio da HR.

7. A coexistência, na família Tupi-Guarani, de línguas com e sem HR, faz-nos levantar duas hipóteses a respeito desta.

Consideremos, inicialmente, a hipótese da aquisição da HR por parte de línguas da família Tupi-Guarani.

Em primeiro lugar, poder-se-ia supor estarem em fase final de aquisição da HR as línguas em que esta não funciona integralmente. Em outros termos, a HR já teria sido adquirida em todas as relações, faltando, para ser completado o processo, que a HR passasse a atuar na relação sujeito 'eu'/objeto 'você'. Entretanto, tal suposição torna-se pouco plausível, ao considerar-se que, na relação sujeito 'você(s)'/objeto 'eu', ou sujeito 'você(s)'/objeto 'nós', o fato de a forma verbal tomar o prefixo referente à primeira pessoa, e não à segunda, indica estar a HR em questão adquirida, no sentido de que aquela já tem prioridade semântica sobre esta. Reforço a este argumento pode ser encontrado na relação sujeito 'nós'/objeto 'você', em que, em todas as línguas examinadas, o verbo toma o prefixo de primeira pessoa (sujeito) e não o de segunda pessoa (objeto).

Em segundo lugar, supor que línguas da família Tupi-Guarani adquiriram a HR implica a necessidade de explicar, por um lado, a homogeneidade que os prefixos pessoais verbais apresentam nas línguas que têm a HR, e, por outro, a não-homogeneidade desses mesmos prefixos nas línguas que não apresentam HR. Tais fatos tornam difícil estabelecer, a partir das línguas sem HR, as proto-formas dos sufixos verbais e das relações semânticas entre essas formas e os referentes do discurso.

A outra hipótese que pode ser levantada é a de que a HR teria existido em toda a família Tupi-Guarani. Tem ela a seu favor o fato de que a maioria das línguas da família apresenta a HR. Além disso, certos fatores, como o funcionamento integral da HR em algumas línguas e as características bastante homogêneas do afastamento parcial da HR revelado pelas outras línguas da família (no caso da relação primeira pessoa como sujeito e segunda pessoa como objeto), permitem formular explicações razoáveis sobre uma quebra gradual e direcionada, num sentido muito definido, de uma HR vigente no proto-Tupi-Guarani³.

8. Quanto à existência da HR no proto-Tupi, esta hipótese teria a seu favor as seguintes circunstâncias: o fato de línguas pertencentes a outra família que não o Tupi-Guarani, apresentarem HR funcionando parcialmente, como é o caso do Munduruku e do Karitiana; o fato de que o afastamento encontrado nessas línguas, em relação à HR, apresenta as mesmas características do afastamento encontrado nas línguas Tupi-Guarani.

Pode surgir a objeção, aqui, de que, para sermos rigorosos, deveríamos postular a HR num recuo histórico que abrangesse apenas um estágio intermediário, digamos, proto-Tupi-Guarani/Munduruku/Karitiana (se aceita a hipótese de existir pelo menos parcialmente HR nessa última língua). Não vemos, entretanto, razões suficientes para isso. Em primeiro lugar, não há motivação independente para considerar a existência de um tal estágio intermediário. Por outro lado, da mesma forma que não se revela suficiente para defender a hipótese alternativa de aquisição da HR por parte de línguas Tupi-Guarani o fato de algumas delas aparentemente não apresentarem atualmente HR, também não revela suficiente força a hipótese de aquisição da HR por parte de lín-

guas Tupi de outras famílias, fundamentada no fato de pelo menos uma delas, o Karitiana, não apresentar HR (se aceita a hipótese de não haver HR no Karitiana). Não teria força esse argumento porque nessa língua os prefixos que ocorrem no verbo são sempre os objetivos, o que aumenta a heterogeneidade dos possíveis postulantes a representantes das proto-formas Tupi e a dificuldade de estabelecer entre eles o mais provável: em outras palavras, o proto-Tupi marcaria, no verbo, os afixos relativos ao sujeito, ao objeto, ou aos dois simultaneamente?

9. Em face das questões levantadas, às quais a hipótese de aquisição da HR por línguas Tupi não permite responder, optamos pela hipótese de que o proto-Tupi possuía uma HR nos moldes delineados. Obviamente, dados novos que porventura surjam sobre outros membros desse tronco lingüístico podem vir a modificar nossa posição atual sobre o assunto. Por enquanto, não vemos razões convincentes para alterá-la.

10. Voltar-nos-emos, agora, para a situação dos seis grupos de línguas referidos em 3, com o objetivo de explicar a estreita ligação existente entre a HR e o funcionamento da prefixação no caso da relação primeira pessoa sujeito/segunda pessoa objeto.

A situação apresentada por esses grupos de línguas permite situar o início da quebra da HR na competição semântica entre os referentes de primeira e segunda pessoas⁴, na relação específica sujeito 'eu'/objeto 'você', refletida no plano sintático pelo uso simultâneo dos prefixos de primeira e segunda pessoas, nessa ordem. Assim, teríamos

objeto sujeito	você	vocês
eu	*(e)ne- ⁵ *a- *(e)re-	*a-
nós	*oro-	*oro-

Tabela 1

A postulação desse estágio justifica-se pelos estágios seguintes, embora ele não esteja atestado em nenhuma língua examinada.

O obscurecimento do sentido dessa forma aglutinada de primeira e segunda pessoa permitiria em momento ulterior sua expansão analógica para a relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês'. A forma tomada em línguas atuais por essa aglutinação de prefixos é aro- e não *are- (ane-), como seria de esperar, o que poderia ter como motivação razoável a pressão analógica da forma oro-, também indicando a primeira pessoa, só que do plural. É a situação do Sataré, vista na tabela abaixo:

aro-	waro-	Sataré
oro-	oro-	

Tabela 2

Nas demais línguas, o processo teria seguido outra direção, em face da extensão analógica do uso simultâneo de dois prefixos também para a relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês', repetindo-se, além disso, a mutação vocálica de *e para o, igualmente por uma possível pressão analógica exercida pela forma oro-.

Em outras palavras: *a- + *pe- > apo - e não *ape-.Tal estágio, expresso na tabela 3, não está atestado integralmente em nenhuma língua atual, mas sō a partir dele se podem entender as derivações seguintes.

aro-	apo-
oro-	oro-

Tabela 3

A partir desse estágio, quatro direções distintas revelam-se nos diferentes grupos de línguas: ou a pressão analógica da forma oro- (sujeito de primeira pessoa do plural) continua provocando nova mutação vocálica nas formas aglutinadas correspondentes a sujeito 'eu'/objeto 'você' e sujeito 'eu'/ objeto 'vocês',

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{aro-} \\ \text{apo-} \end{array} \right\} > \left\{ \begin{array}{l} \text{oro-} \\ \text{opo-} \end{array} \right\}$$

como revela a situação do Kamayurã⁶, expressa pela tabela 4:

oro-	opo-
oro-	ora-

Kamayurã

Tabela 4

ou a pressão mostra-se no sentido de igualar formalmente os quatro representantes do paradigma, situação do Asurini e Oyampi:

oro-	oro-
oro-	oro-

Asurini, Oyampi

Tabela 5

ou ainda, além de dar-se a mutação da primeira vogal do novo prefixo que expressa a relação sujeito 'eu'/objeto 'você' (aro- > oro-), mantêm-se a forma anterior do prefixo algutinado apo-, que por sua vez se estende analogicamente para a relação sujeito 'nós'/objeto 'vocês', situação correspondente a estágio anterior do Tapirapê (cf. explicação mais adiante);

oro-	apo-
oro-	apo-

proto-Tapirapê

Tabela 6

ou ainda, finalmente, dá-se a mutação de aro- em oro-, mantêm-se a forma apo-, mas o uso simultâneo do prefixo subjetivo e objetivo expande-se para a relação sujeito 'nós'/objeto 'vocês', situação atual da língua Kaiwã e de estágio anterior das línguas Guajajãra e Tembê (cf. explicação mais adiante).

oro-	apo-
oro-	oropo-

Kaiwã, proto-Guajajãra,
proto-Tembê

Tabela 7

Um estágio mais avançado que o revelado na tabela 4 é o representado na tabela 8, abaixo, em que a forma opo- correspondente à relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês' se expande para a relação

sujeito 'nós'/objeto 'vocês'. É a situação das línguas Parintintim e Tupinambã⁷:

oro-	opo-	Parintintim Tupinambã
oro-	opo-	

Tabela 8

O Guarani constitui caso à parte dentro desse grupo de línguas, pelo fato de ter perdido a vogal inicial nos quatro prefixos da série em questão, o que impede de sabermos qual das formas possuía em estágio intermediário, na relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês': apo- ou opo-?

11. A língua Munduruku, por sua vez, completou o processo de destruição da HR no que se refere aos referentes de primeira e segunda pessoas, no sentido da nivelção hierárquica dos referentes, nivelção essa exibida no uso exclusivo dos prefixos verbais objetivos, embora a HR continue vigente no caso da terceira pessoa sujeito. No caso da terceira pessoa como objeto, em que ocorrem nessa língua simultaneamente os prefixos subjetivo e objetivo — como é o caso, igualmente, do Tupinambã —, revela-se nova etapa de quebra da HR, que envolve a competição entre todos os referentes, e não mais apenas entre os referentes de primeira e de segunda pessoas.

Coloca-se, no caso do Munduruku, a questão sobre a existência de um estágio intermediário, em que ainda se revelaria, de alguma forma, a precedência da primeira sobre a segunda pessoa (que é a situação de todas as demais línguas, em que essa precedência se manifesta inequívoca e unanimemente pelo menos na re-

lação sujeito 'nōs'/objeto'vocē': oro-). Não temos elementos suficientes para provar nem que o Munduruku tenha passado por tal estágio, nem que tenha seguido processo independente, de quebra simultânea da HR nas quatro relações envolvendo os referentes de primeira e segunda pessoas.

12. Quanto ao Karitiana, ao manifestar essa língua a precedência absoluta do objeto sobre o sujeito (marcando somente o primeiro no verbo), teria levado até o fim o processo atestado em estágio intermediário no Munduruku; ou seja, a competição hierárquica entre os referentes, que no Munduruku está resolvida inteiramente apenas entre a primeira e segunda pessoa, no Karitiana prosseguiu, englobando a terceira pessoa e aparentemente completando o processo de destruição da HR.

13. A situação atual do Urubu, por outro lado, apresenta a resolução da competição entre os referentes em sentido oposto, no da precedência do sujeito sobre o objeto. Tal competição, como nos demais casos, aqui também teria começado pelos referentes de primeira e segunda pessoas, estendendo-se, em estágio posterior, para a terceira pessoa. Note-se que, no caso do referente de terceira pessoa, o conflito só teria surgido quando ele fosse o sujeito, pois a terceira pessoa como objeto já exigia os prefixos subjetivos correspondentes à primeira e segunda pessoas. O mesmo raciocínio, em sentido oposto, é válido para o Karitiana: o conflito só surgiria quando o referente de terceira pessoa fosse o objeto, pois, no caso de ele ser sujeito, o prefixo obrigatório já seria o objetivo de primeira ou segunda pessoa.

14. O Kokama revela um caminho parcialmente independente na

resolução da competição semântica entre os referentes do discurso. Destruiu a HR pela nivelção hierárquica dos referentes, marcando com afixos ambas as funções, de sujeito e de objeto. Embora, ressalve-se, o prefixo subjetivo, face a um sufixo objetivo, possa estar a demonstrar a precedência do sujeito sobre o objeto. A única novidade, no caso do Kokama, para a qual não possuímos qualquer explicação plausível, é a superficialização do objeto precisamente como sufixo verbal, a diferença das demais línguas Tupi investigadas, em que o objeto é sempre manifestado por prefixos verbais.

15. Queremos aduzir agora algumas considerações sobre as soluções dadas neste trabalho a diversas questões.

Sobre nossa hipótese de competição entre os referentes de primeira e de segunda pessoas, examinemos o seguinte: seria aro- [arɔ -], em Sataré, indício de que houve, em um dado estado da língua, competição entre a forma do prefixo que expressa sujeito 'nós': /oro-/ [ɔrɔ-] ? Um fato nos inclina a dizer que sim: se [arɔ] fosse uma forma resultante de uma alteração vocálica sofrida pela primeira vogal da forma originária [*ɔrɔ -] (isto é, arɔ < *ɔrɔ), esperar-se-ia encontrar essa mesma alteração vocálica em outras ocorrências do prefixo que significa 'nós'; tal não ocorre: 'nós' é expresso por urují- — que, ao que tudo indica, provém de *ɔrɔ -.

Uma outra evidência a favor da hipótese de uma competição entre os prefixos de primeira e segunda pessoas na relação sujeito 'eu'/objeto 'você', pode ser indiretamente observada em Oyampí. Vê-se em Oyampí que, a exemplo do que ocorre com as demais línguas em que a HR funciona de modo parcial, oro- é o prefixo que aparece junto ao verbo quando 'eu' é o

sujeito e 'você' o objeto. Entretanto, a diferença das demais línguas, o prefixo que o verbo apresenta em Oyampi, na relação sujeito 'você'/objeto 'eu', não é o de primeira pessoa do singular, e sim o de primeira pessoa do plural. Em outras palavras, em Oyampi o prefixo oro- passou também a ser usado na relação em que 'você' é o sujeito e 'eu' o objeto, após competir e suplantar, ao que indica a comparação com outras línguas da família, o prefixo de primeira pessoa do singular. Tem-se, pois, aqui, uma prova indireta de que em línguas da família Tupi-Guarani um prefixo, cuja forma é de primeira pessoa do plural, competiu e suplantou um prefixo de primeira pessoa do singular — o que também muito provavelmente deve ter acontecido na relação sujeito 'eu'/objeto 'você'.

Sobre a combinação entre primeira pessoa do singular e segunda pessoa do plural, examinemos o caso das línguas que apresentam o prefixo apo- ou apu- na relação sujeito 'eu'/objeto 'você', levando em consideração os dados do Kaiwá, Guajajára, Tembê e Tapirapê.

Em Kaiwá, no caso considerado, aparece o prefixo apo- e em Guajajára e Tembê, o prefixo apu-, resultantes, pelo visto, da combinação de a-, primeira pessoa do singular, e po-. Não passaria tal possibilidade do terreno das suposições, se não houvesse uma evidência de combinação desses dois prefixos. Em Tapirapê, o prefixo usado na relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês' é ãpa-. Sabemos, desde o trabalho de Leite (1977) a respeito da classificação do Tapirapê na família Tupi-Guarani⁸, que, nessa língua, houve duas regras de mutação vocálica com a seguinte cronologia.

1. a + ã
2. o + a

Tais regras, que estão em uma relação de "bleeding", (ou seja, de não-transparência) dão conta do aparecimento, em Tapirapê, de /ã/e de/a/, que não provêm, respectivamente, de *ã e de *a. Levando-se em conta as mencionadas mutações, teríamos, no que diz respeito à forma atual ãpa-, uma forma anterior (*apo > ãpa), que terminou por se transformar naquela. Ora, nesta forma reconstruída, *apo, voltamos a encontrar o que seria o prefixo de primeira pessoa do singular agregado a po-, presumivelmente uma forma que indicaria a segunda pessoa do plural.

Quanto ao Guajajãra⁹, *o passou a /u/, exceto quando estava em final de palavra ou seguido de sílaba que contivesse *o (isto é, *o > u/exceto -- (Co) #). Considerando-se apo- a forma da qual se teria derivado a atual forma apu-, temos, conforme é previsto pela cronologia de regras estabelecida por Leite, /a/ que provêm de *a e /u/ que se derivou de *o (pois, sendo apo- forma prefixada, *o não estava em final de palavra). Para o Tembê, tal explicação também valeria, porque este é um dialeto Tenetehara, assim como o Guajajara e, da mesma forma que neste último, teria havido em Tembê uma regra que alteraria *o em /u/.

Sobre a orientação da pressão analógica no sentido de a forma sujeito 'eu'/objeto 'você' ter influenciado a forma sujeito 'eu'/objeto 'vocês', sirvamo-nos, mais uma vez, dos dados do Satarê. Nessa língua, observamos que a aro- corresponde waro-, prefixo verbal usado na relação sujeito 'eu' /objeto 'vocês'. Se a existência de waro- se devesse a uma expansão do prefixo verbal utilizado na relação sujeito 'nós'/objeto 'vocês', este último seria também waro- ou ter-se-ia uru(i)- ao se tratar da relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês'. Entretanto, como é uru(i)- o prefixo verbal que expressa a relação sujeito nós/objeto 'vo-

cês', e é warɔ- que está presente ao se ter 'eu' como sujeito e 'vocês' como objeto, presumimos que o uso de warɔ- resultou de uma analogia com aro-, o prefixo utilizado na relação sujeito 'eu'/objeto 'você'.

Evidência de que a competição entre os referentes de primeira e segunda pessoa prossegue em línguas Tupi é a alternância de formas revelada no Kayabi falado atualmente, nos prefixos pessoais correspondentes às relações sujeito 'vocês'/objeto 'nós': respectivamente ye- ~ pe-, e ore-~pe. Tal fato ocorre exclusivamente nessa língua, e constitui-se em quebra da HR no sentido da precedência do sujeito sobre o objeto, e não mais da primeira sobre a segunda pessoa.

Outra evidência do mesmo processo é manifestada no Guarani. Nessa língua há alternância entre ro- e po-, na relação sujeito 'nós'/objeto 'vocês'. Mas, apesar disso, em ambas as situações a consoante intermediária entre o prefixo pessoal e a raiz verbal iniciada por vogal é h- e não r-, e h- só ocorre quando os prefixos precedentes são os subjetivos. Isso mostra que, se continua o processo de pressão analógica no sentido de estender a forma do prefixo que expressa a relação sujeito 'eu'/objeto 'vocês' para a relação sujeito 'nós'/objeto 'vocês', a forma resultante, po-, é ainda interpretada como expressando sujeito de primeira pessoa plural e não objeto de segunda plural, mantendo-se assim a precedência hierárquica da primeira sobre a segunda pessoa. Fato análogo ocorre no Tupinambá, onde as consoantes de transição entre o prefixo e a raiz verbal evidenciam precedência da primeira sobre a segunda pessoa, apesar de a forma do prefixo, nas relações sujeito 'eu'/objeto 'você(s)' — oro- e opo-, respectivamente —, aparentemente estar indicando o paciente e não o agente.

Finalmente, a situação do Tembê pode servir indiretamente como evidência positiva para a hipótese de que apu- e urupu-, prefixos que marcam, nessa língua, respectivamente, as relações sujeito 'eu'/objeto 'vocês' e sujeito 'nós'/objeto 'vocês', sejam formas aglutinadas de a- e po-, oro- e po-. Nessa língua, para a relação sujeito 'ele'/objeto 'vocês', a forma usada junto ao verbo é upu-. Ora, sabemos que u- é a forma do prefixo subjetivo de terceira pessoa; logo, o que estaria ocorrendo aqui é uma nova nivelção paradigmática, no sentido de marcar simultaneamente o sujeito e o objeto, funcionando (por enquanto) exclusivamente quando o objeto é de segunda pessoa do plural. Assim, a destruição da HR prossegue, no caso pela nivelção hierárquica dos referentes de segunda e terceira pessoas nessa relação específica, pois, quando a terceira pessoa é objeto, a HR mantém-se plenamente, ocorrendo os prefixos subjetivos.

16. Tendo examinado todo o material Tupi existente no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional, concluímos que:

1) há evidências de uma HR que pode ser postulada inclusive para o proto-Tupi;

2) o início da quebra da HR dá-se pela competição semântica entre os referentes de primeira e segunda pessoas, na relação específica sujeito 'eu'/objeto 'você';

3) essa competição é refletida, no plano sintático, pela aglutinação dos prefixos subjetivos e objetivo;

4) a partir da aglutinação de tais prefixos, em algumas línguas ocorreram, por pressão analógica, mudanças na forma dos prefixos que marcam as relações sujeito 'eu'/objeto 'você(s)',

sujeito 'nós'/objeto 'vocês';

5) em algumas línguas continua o processo de quebra da HR, englobando na competição todos os referentes do discurso;

6) em algumas línguas, a hierarquização dos referentes do discurso, que é refletida no plano sintático pela prioridade da primeira sobre a segunda pessoa e destas sobre a terceira pessoa, cede lugar a uma nova hierarquização semântica entre agente e paciente, que é expressa sintaticamente da seguinte maneira:

a) o uso exclusivo do prefixo que expressa o sujeito indica que o agente tem precedência sobre o paciente;

b) o uso exclusivo do prefixo que expressa o objeto indica que o paciente tem precedência sobre o agente.

Infelizmente, as lacunas nos dados de muitas das línguas Tupi, ou a inexistência pura e simples de dados sobre diversas outras, não nos possibilitaram o levantamento exaustivo de todas as línguas do tronco Tupi — faladas ainda ou já extintas. Acreditamos que isso não invalida nossa hipótese, embora comprometa a possibilidade de documentar cabalmente os diversos estágios do processo de perda parcial ou mesmo total da Hierarquia Referencial, evidenciados, entretanto, pela não-homogeneidade da situação atual das línguas examinadas.

NOTAS

1. Os dados referentes às dezessete línguas mencionadas foram retirados de trabalhos que constam do Arquivo do Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, UFRJ. Embora também tenham sido examinadas as línguas Diarrōi e Si-

rionō, essas não integram o trabalho, dada a insuficiência de dados. No entanto, os poucos existentes nos permitem verificar que: no Diarrōi, a HR funciona, no sentido de que a primeira e segunda pessoa têm precedência sobre a terceira; no Sirionō, além de haver tal precedência, aparecem o prefixo referente à primeira pessoa — quando o sujeito é de segunda pessoa e o objeto de primeira — e uma forma prefixada resultante da seqüência do prefixo de primeira pessoa mais o de segunda pessoa.

2. De acordo com Seki (1980), as relações eu/vocês e nós/vocês são expressas pelo mesmo marcador, opo-. De acordo com Collins (1962), a relação eu/vocês pode ser expressa por opo-. Por outro lado, o mesmo formulário preenchido por Saelzer e Clapper (1974) e Harrison (1969) apresenta as relações eu/vocês e nós/vocês como sendo expressas, respectivamente, pelos marcadores opo- e oro-. Optamos pela representação oro- para a relação nós/vocês e opo- para a relação eu/vocês devido à maior unanimidade no registro dos vários autores consultados.
3. A se levar em consideração a posição atual de Aryon D. Rodrigues (comunicação pessoal) sobre o Aweti e Satarē, essas duas línguas não pertenceriam à família Tupi-Guarani. Tal fato viria reforçar o argumento em causa, de uma HR no proto-Tupi, pois é nessas duas línguas, precisamente, que a HR se mostra funcionando integralmente.
4. No caso da terceira pessoa em relação a uma outra terceira pessoa, tem-se a utilização do prefixo referente ao agente; paralelamente à HR, aqui se revela latente uma possibilidade que

se concretizarã em certas línguas: a hierarquia de papéis semânticos dos referentes, isto é, a hierarquia entre agente e paciente.

5. A postulação de duas formas hipotéticas exclusivas *ene- ou *ere- deve-se à impossibilidade de se comprovar a proto-forma do prefixo objetivo de segunda pessoa. Observe-se que a estipulação da forma *ene- não é desprovida de sentido, em que pesem as aparências, uma vez que, em Sirionõ, tem-se ede- para o prefixo subjetivo e de- para o prefixo objetivo de segunda pessoa do singular.

6. Cf. nota 2.

7. A se concretizar a tendência revelada pelos dados de Seki (1980), o Kamayurã estaria representando esse estágio, juntamente com as línguas Parintintim e Tupinambã.

8. Cf. Leite (1977).

9. Cf. Leite (1977)

Língua	suj ₁ /obj ₂	suj ₁ /obj _{2p}	prefs.subjs.(trans) e objets.					
	suj _{1p} /obj ₂	suj _{1p} /obj _{2p}	1	2	3	1p1	1pe	2p
1. Tba	oro oro	opo opo	a xe	ere nde	o i	ya yande	oro ore	pe pe
2. Gn	ro (h) ro (h)	po (h) ro-po (h)	a xe	are ne	o	ya yane	oro ore	pe pene
3. Kw	oro oro	apo oropo	a xe	ere ne	o	ya yane	oro ore	pe pene
4. Gj	uru uru	apu urupu	a he	ere ne	u	ci zane	uru ure	pe pe
5. Tbe	uru uru	apu urupu	a he	ere ne	u	chi zane	uru ure	pu pe
6. As	oro oro	oro-pe oro	a se	ere ne	o	sa sene	oro ore	pe pe
7. Tpe	ara ara	āpa āpa	ā ye	ere ne	a	yi yane	ara are	pe pe
8. Km	oro oro	opo oro	a ye	ere ne	o	ya yene	oro ore	pe pe
9. Pt	oro oro	opo opo	a ā	ere ne	o	ti ñane	oro ore	pe pe
10. Kb	a oro	a oro	a ye	ere ene	a	si yane	oro ore	pe pē
11. Ub	a re	a re	a	re	u	ya ya	ya ya	pe pe
12. Oy	oro oro	oro oro	a e	ere ne	o	si yane	oro ore	pe pe
13. Aw	a ozoi	a ozoi	a i	e e	wey	ti kay	ozoi ozo	e'i e'i
14. St	aro urui	waro urui	ati ui	eti e	ti	wato ai	urui uru	ewei ei
15. Ko			t ta	na n	ay y	pūnu ini		
16. Mu	e e	ey ey	o o	e e	o i	a wty	oce oce	epe ey
17. Kt	a a	ay ay	t a	a		iy		ay

Observações

1. (Tba) - Obj₃ sempre ocorre, apōs qualquer pref. subjetivo antes da raiz.
2. (Gn) - na relação suj_{1p}/obj_{2p} hā alternância ro-po
5. (Tbe) - em fonte de 1934, referência a upu para a rel. suj₃/obj_{2p}
10. (Kb) - rel. suj_{2p}/obj₁: ye-pe; rel. suj_{2p}/obj_{1p}: ore-pe
12. (Oy) - no voc. padrão, na rel. suj₂/obj₁, hā a forma oro

Chave das abreviações usadas no QUADRO 1

1. Tba	Tupinambã
2. Gn	Guarani
3. Kw	Kaiwã
4. Gj	Guajajãra
5. Tbe	Tembê
6. As	Asurini
7. Tpe	Tapirapê
8. Km	Kamayurã
9. Pt	Parintintim
10. Kb	Kayabi
11. Ub	Urubu
12. Oy	Oyampi
13. Aw	Aweti
14. St	Satarê
15. Ko	Kokama
16. Mu	Munduruku
17. Kt	Karitiana
pref.	prefixo
subj.	subjetivo
objet.	objetivo
trans.	transitivo
1	primeira pessoa singular
2	segunda pessoa singular
3	terceira pessoa
1pi	primeira pessoa plural inclusivo
1pe	primeira pessoa plural exclusivo
2p	segunda pessoa plural

REFERÊNCIAS

- COLLINS, V. Formulário padrão. Arquivo de inéditos do setor de lingüística do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1962.
- FOLEY, W. Inherent referentiality and language typology. Camberra, Australian National University, 1976. (Seminar)
- HARRISON, E. Formulário padrão. Arquivo de inéditos do setor de lingüística do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1965.
- HAWKINSON, A. & HYMAN, L. Hierarchies of natural topic in Shona. Studies in African languages, (5): 147-170, 1974.
- LEITE, Y. A classificação do tapirapê na família tupi-guaraní. In: ROSSI, N., org. Línguas minoritárias do Brasil. (no prelo)
- SAELZER, M. & CLAPPER, C. Formulário padrão. Arquivo de inéditos do setor de lingüística do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1974.
- SEKI, L. Marcadores de pessoa do verbo kamayurã. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 12, 1980.
- SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In: DIXON, R. M. W., ed. Grammatical categories in Australian languages. Camberra, Australian Institute of Aboriginal Studies, 1976.